



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Filosofia

Lucas Rodrigues Caixeta

**O EXTERMÍNIO DA COMUNIDADE TRANSEXUAL E TRAVESTI NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA**

Uberlândia

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Filosofia

Lucas Rodrigues Caixeta

**O EXTERMÍNIO DA COMUNIDADE TRANSEXUAL E TRAVESTI NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de bacharelado e licenciatura em Filosofia.

Orientador: Profº Drº José Benedito de Almeida Júnior

Uberlândia

2023

Agradecimentos

Começo os meus agradecimentos a instituto de filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, um instituto composto por pessoas maravilhosas que sempre me apoiaram e incentivaram a continuar e chegar até aqui, em nome de todos vocês, muito obrigado.

Um muito obrigado os professores, aos meus mestres, que foram cruciais para o meu desenvolvimento, não somente acadêmico, mas pessoal também. Quero saibam que tudo o que vocês fizeram serviu para meu crescimento, e que com toda certeza eu não estaria aqui. E em especial, duas pessoas que me mostraram que a filosofia vai além do que se aprende na escola, na verdade, me ensinaram que filosofia é tudo, meu orientador e professor Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior, que me aguentou e me aturou em vários dos meus surtos para construção desse trabalho, e a minha professora Georgia Amitrano, uma das mulheres mais incríveis que eu já conheci, e que dispensa qualquer apresentação por minha parte.

Agradeço aos vários colegas que fiz desde que entrei nesta universidade, em 2017, e que por muitas vezes foram meu motivo de continuar. E neste momento eu acho importante citar alguns nomes, tais como Lorena Sales, Bruna Assis, Daniela Alves, Giovana Zanotto e Luiza Anselmo, essas são algumas das mulheres que fizeram a diferença na minha vida acadêmica e pessoal.

De modo geral, um grande “OBRIGADO” a todo mundo que me acompanhou nessa jornada, que não foi fácil, mas foi construtiva, e no mínimo emocionante.

Dedicatória

Faço esse apêndice em nome de algumas pessoas, pessoas essas que foram mais que importantes para a minha vida, e que sem elas eu nunca me formaria e encerraria esse ciclo na minha vida.

Agradeço de forma genuína e única aos meus pais, um homem e uma mulher que nunca tiveram muito, mas que me deram tudo que eu precisava. Um casal, que mesmo após a separação não me abandonaram, cuidaram de mim e me incentivaram a estudar e me proporcionaram meios para isso. Agradeço, sem saber as palavras para fazer isso, minha tia Elisângela, que por meio dela e por ela eu vi que há caminhos na vida que vão além de trabalho, e por causa dela eu decidi seguir uma vida acadêmica, eu te agradeço. Esse momento eu também dedico aos meus avós paternos, ambos que me ensinaram a ter humildade, a não negar ajuda quando se pode ajudar, sou eternamente grato a vocês por terem sido alicerces da minha vida em muitos momentos. De modo geral, a todos os meus familiares, tios, tias, primos e primas que sempre me apoiaram.

Gostaria de deixar um imenso “obrigado” aos meus amigos, que nunca, nem quando eu quis desistir, eles desistiram de mim, pelo contrário, eles mais do que, sempre acreditaram em mim. Dedico este momento ao meu namorado, que mais que ninguém teve que aguentar todos os meus surtos nesse período, me ajudou, tentou me acalmar, e seguiu ao meu lado.

Neste momento, dedico especialmente a pessoa que nunca me falou uma palavra que não serviu para minha vida, a pessoa que sempre esteve ao meu lado, e que em todas as minhas memórias só têm momentos felizes. A mulher que quando passei no ENEM ela ligou para todos e todas da família para dizer que “O Lucas passou numa faculdade e não vai pagar nada”, já que ela não entendia bem o significado de “federal”, e demorou a gravar que eu estudo filosofia. A senhora presenciou muitos momentos incríveis na minha vida, e infelizmente, esse a senhora não está mais aqui para ver, mas sei que a senhora, mais que ninguém, mais que eu, sempre soube que esse momento chegaria.

Espero que eu tenha lhe dado orgulho enquanto vida, vó. Eu te amei em vida, e te amarei para toda eternidade.

Resumo

Este trabalho busca entender, tendo como base o estudo de caso, o motivo de tanto preconceito a comunidade LGBT, em específico, neste momento, a comunidade Transsexual e travesti. Por meio de relatos do ocorrido com Dandara, uma travesti que foi morta em Fortaleza-CE, busco entender a origem dessa raiva e preconceito, especificamente no Brasil, tratando desde o momento da colonização dos portugueses. No decorrer do desenvolvimento deste trabalho eu passo por grandes autoras, como Judith Butler, Aline Rocha e Hannah Arendt. Isto, pois, com seus estudos e pesquisa eu tento trazer conceitos e uma boa fundamentação para explicar esse preconceito que mata. Sendo assim, é traçado uma linha de pesquisa, onde começo analisando a colonização do Brasil, a crença cristã sendo imposta ao povo que aqui viviam, e como essa crença abominava práticas que foram proibidas. Trago para esta pesquisa alguns dados feitos pela ANTRA, que é a Associação Nacional de Transsexuais e Travestis, dados importantes para o entendimento da luta dessa comunidade por direitos e visibilidade.

Palavras-chaves: Dandara, Transfobia, LGBT, preconceito.

Abstract

This work seeks to understand, with a case study, the reason for so much prejudice with LGBT community, specifically, at this moment, about transsexual and travesti community. Through reports about what happened with Dandara, a travesti who was killed in Fortaleza-CE, I seek to understand the origin of this anger and prejudice, specifically in Brazil, dealing since the time of colonization by the Portuguese. In the course of the development of this work I pass by great authors, like Judith Butler, Aline Rocha and Hannah Arendt. This, because, with their studies I try to bring concepts and a good foundation to explain this prejudice that kills. Therefore, a line of research is drawn, where I start by analyzing the colonization of Brazil, the Christian belief being imposed on the people who lived here, and how this belief abhorred practices that were banned. I bring too some data made by ANTRA, what is the Associação Nacional de Transsexual e Travesti, important data to the understanding of the struggle of this community.

Keywords: Dandara, Transphobia, LGBT, Prejudice.

Sumário

1 Introdução.....	08
2 O extermínio da comunidade Transsexual e Travesti na sociedade brasileira contemporânea.....	10
3 Considerações finais.....	25
4 Bibliografia.....	30

Esta é uma pesquisa que surgiu em minha mente como forma dar visibilidade a minha comunidade, de início a ideia não era falar sobre travestis e transsexuais, no entanto, pesquisando sobre possíveis temas, e tentando afunilar a pesquisa, me deparei com um caso que foi determinante.

Venho desenvolvendo e pesquisando sobre esse tema acerca de mais de dois anos, que foi quando comecei uma busca bibliográfica, outras pessoas que já falaram sobre o que eu pensei, ideais que eu pudesse aproveitar, textos, artigos, dissertações, teses e qualquer outra fonte que eu poderia buscar ideias, conhecimento e estrutura para iniciar minha pesquisa. Sendo assim, encontrei diversas vertentes as quais eu poderia seguir, porém, decidi falar sobre a comunidade trans e travesti, e assim tentar dar voz a pessoas que pouco são escutadas.

No decorrer da minha jornada, logo no início, foi quando eu me deparei com o caso que foi determinante para minha pesquisa, o caso Dandara, uma travesti que foi brutalmente espancada e linchada no meio da rua, carregada dentro de carrinho de mão, levada para um beco, e ali executada. De fato, uma crueldade sem escrúpulo, cometida por diversos homens, dentre eles um menor de idade. Este, definitivamente foi um ponto crucial na minha decisão, foi a partir deste momento, quando encontrei uma tese para mestrado onde o caso da Dandara é narrado, e o choque me fez pensar, me fez refletir, e em seguida eu determinei meu tema, e é sobre isso que eu quero falar, o extermínio da comunidade trans e travesti no Brasil. Tendo determinado, inicialmente, o tema, fui em busca de formas de tratar sobre isso dentro da filosofia, como eu poderia abranger sobre identidade de gênero por um aspecto filosófico. Foi então que descobri e fui apresentado a Butler, Arendt, e outras filósofas, grandes nomes da filosofia, de enorme peso quando se trata sobre gênero, sexualidade, e de escritos filosóficos que são vitais para minha pesquisa.

Essas autoras me mostraram que tem filosofia que explica meu tema, e no decorrer do meu curso eu aprendi que tudo tem e é filosofia, sendo assim eu recebi um grande estímulo para adentrar em uma área que desrespeito a minha comunidade, que eu, enquanto homem cis branco e homossexual, pertencente a comunidade LGBT, e tendo um pouco mais de visibilidade que as pessoas transsexuais e as travestis, me senti na obrigação de dar uma resposta a

Dandara, ao seu caso. Está, uma resposta partindo de uma visão diferente do simples certo e errado, saindo da dualidade que o mundo criou, e olhando pelas infinitas multiplicidades do ser.

Contudo, busco uma resposta para o caso da Dandara, mas temo que este trabalho seja apenas a ponta de um iceberg para uma resposta que terá vários desdobramentos, e uma eterna tentativa de explicação. Isto é, um eterno ato de pesquisa, pois o ser é individual e está em constante mudança, ou seja, um eterno estudo para conseguir tentar chegar perto da subjetividade do ser, tendo em vista as suas individualidades.

2 O extermínio da Comunidade Transsexual e Travesti na Sociedade brasileira contemporânea.

A condenação da comunidade LGBT se deu, principalmente, pela condenação da igreja cristã, a mesma que foi trazida pelos portugueses na época da colonização. Com a chegada dos portugueses ao Brasil não foi dada uma escolha aos povos aqui já aqui existentes sobre o que seguir e o que fazer, mas sim uma imposição de regras e culturas europeia. E nessa cultura trazida havia a condenação de atos sexuais ou afetivos entre duas pessoas do mesmo sexo ou qualquer tipo de travestimento. Um dos trechos que afirma tal ideia está em levítico capítulo dezoito e versículo vinte e dois, e diz assim: “não te deitarás com outro homem, como se fosse mulher; abominação é”.

Tais pregações, ideologias e princípios eram disseminados e ditos como a única verdade possível, ou seja, aos que chegaram e aos que já estavam aqui tinham que seguir esses “mandamentos”. Sendo assim, podemos dizer que o preconceito no Brasil começou com a chegada dos portugueses, pois foi nesse momento que chegaram pessoas que determinavam o que era certo e o que era errado, com base em sua cultura e civilização, que comparadas ao Brasil dos anos mil e quinhentos era bem diferente e mais requintada.

Devido a todo esse início de “descoberta” do nosso país, o preconceito contra os homossexuais chegou ao nível de ser considerada doença, tal doença que era tratada como um transtorno mental com terapia e em casos de famílias religiosas e no mais extremo era feito um exorcismo, pois tal identificação ou orientação homossexual era vista como possessão. E desse modo que foi tratado por muitos anos, anos os quais foram marcados por manifestações e luta para aceitação.

Tendo em vista que o Brasil é um país fortemente cristão, o mesmo que foi colonizado pelos portugueses, país majoritariamente católico, um dos principais pilares do preconceito, especificamente a homofobia ou qualquer outro preconceito a comunidade LGBT, vem dos princípios ensinados na bíblia cristã.

Não é novidade que cada pessoa tem a sua própria interpretação de qualquer coisa que leia, no entanto, se tratando da bíblia, além de estar aberta a interpretação existem pessoas que fazem a sua própria leitura e replica como verdadeira para quem os seguem, ou ouvem. Tendo este pensamento, concluo que, além do fato de existir pessoas que passam seu entendimento a respeito

do que leiam na bíblia, temos que considerar o fato que estamos falando de um livro antigo, o mesmo que passou por diversas traduções, pessoas, e profissionais ao longo da história. Ou seja, assim como qualquer outra obra, mesmo que atual, que passa por uma tradução ela perde um pouco da sua essência original, imagine se tratando de algo tão antigo. Isto é, será que ao longo dos anos, todos aqueles que trabalharam na bíblia eram mesmo totalmente honesto e seguiram à risca as escrituras originais? No entanto, só aceitarei uma resposta baseada em fatos e provas físicas, não apenas a fé cega que se tem na crença de que tudo que está lá é a verdade absoluta.

Portanto, quais os versículos da bíblia que condena a homossexualidade? Ou qualquer outro ato que fuja do hétero cis normativo? Bom, vejamos alguns, poucos deles:

“Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza.

Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão.”.

- Romanos 1:26-27

“Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante.”.

- Levítico 18:22

“Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos,

nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus.”.

- 1 Coríntios 6:9-10

“Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem vestido de mulher; porque qualquer que faz isto, abominação é ao SENHOR teu Deus.”

- Deuteronômio 22:5

Me abstendo de qualquer comentário nesse primeiro momento, vou seguir, contudo, vejamos quais e se tem algum outro versículo ou versículos que condenam outras ações, atitudes e comportamentos, mas que hoje é considerado aceitável, comum e muitas vezes incentivado.

“Não façam cortes no corpo por causa dos mortos nem tatuagens em vocês mesmos. Eu sou o Senhor.”

- Levítico 19:28

“Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de vocês mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo.”

- 1 Coríntios 6:19-20

“Não adulterarás.

- Êxodo 20:14

“Mas o homem que comete adultério

não tem juízo;

todo aquele que assim procede

a si mesmo se destrói.”

- Provérbios 6:32

“Vocês ouviram o que foi dito: 'Não adulterarás'. Mas eu digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração.”

- Mateus 5:27-28

“O vinho é zombador

*e a bebida fermentada provoca brigas;
não é sábio deixar-se dominar por eles.”*

- Provérbios 20:1

*“Não ande com os que
se encharcam de vinho,
nem com os que
se empanturram de carne.”*

- Provérbios 23:20

Partindo do pressuposto de uma breve e superficial análise dos versículos aqui citados, vemos que os assuntos tratados como adultério, vícios em bebidas, tatuagens e excesso de carne, são vários exemplos de coisas que se classificam como pecado na igreja. Entretanto, o adultério ainda não é visto com bons olhos em algumas culturas, e se tratando da maior parte do Brasil, não é algo bem-visto, no entanto, os números de divórcio por traição dentro e fora de pessoas pertencentes a comunidade religiosa estão aí, pessoas essas que muitas vezes continuam dentro de templos pregando a palavra. E a tatuagem, assunto facilmente refutável até mesmo por passagens da bíblia, mas não vou entrar nesse quisto. Mas mesmo assim, hoje em dia existem muitos procedimentos estéticos que se enquadram como “marca” no corpo, mas que já é naturalizado, e interpretado de modo que não faça com que os cristãos se arrependem ou se censurem a fazer tais procedimentos, não somente a tatuagem. Sendo assim, por último, temos as bebidas alcoólicas, por mais que o vinho seja um símbolo para o cristianismo, o consumo em excesso de álcool, seja ele qual for, é considerado pecado. Neste caso, não acho necessário exemplificar o motivo pelo álcool ser um assunto carregado de hipocrisia nos dias de hoje por parte do cristianismo.

Contudo, apesar de parecer forte os pilares desse preconceito percebo que não só da religião ele ocorre, mas sim por questões biológicas que se desenvolveram ao longo do tempo. Essas que, criou-se uma ideia de homem e

mulher, ambos heteronormativos, cisgêneros, e seguindo os padrões que lhe são ditos desde o nascimento, e por vezes, executados sem questionamento.

Temos como fonte de informação acerca dos dados e números a ANTRA, que é uma sigla para “Associação Nacional de travestis e transsexuais”, ela funciona como uma rede nacional que promove ações e eventos para a promoção da cidadania da comunidade travesti e transsexual. Sendo assim, a ANTRA atua de diversas formas, como por exemplo, na promoção de ações para conscientizar e positivar a população travesti e trans, possuem colaboradores que agem em diversas áreas, como saúde, educação, segurança pública e outros mais. Assim como, na prevenção da HIV/Aids, hepatite e outras ISTs, e auxílio a melhoria de qualidade de vida das pessoas que vivem com tais infecções. E também, no incentivo para realizações de congressos, debates, seminários e afins, para discutir todos esses temas e questões.

Como a ANTRA é uma entidade que age no meio da comunidade LGBT, ela ressalta alguns termos os quais trabalha, sendo eles os termos travestis, transsexuais, orientação sexual e identidade de gênero. O mais interessante são as definições usadas, e a forma prática e sucinta que são usadas:

Travestis: *“Pessoas que vivem uma construção de gênero feminino, oposta à designação de sexo atribuída no nascimento, seguida de uma construção física, de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade.”*. Transsexuais: *“Pessoas que apresentam uma Identidade de Gênero diferente da que foi designada no nascimento.”*. Orientação sexual: *“Uma referência à capacidade de cada pessoa ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. (Princípios de Yogyakarta)”*. Identidade de Gênero: *“Profunda e sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (Princípios de Yogyakarta)”*.

Tendo sido fundada em 1992, a ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados), com o intuito de promover e agregar a população Travestis e transsexuais na sociedade, já que antes as pessoas pertencentes a estes grupos participavam e atuavam em organizações majoritariamente de gays e lésbicas. Ocorreu então, em 1993 o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam na Prevenção da Aids, ou seja, ENTLAIDS, organizada pelo grupo ASTRAL.

Quando ocorreu o III Encontro, no Rio de Janeiro, surgiu-se um debate acerca da necessidade de ter uma rede que ajudasse e encaminhasse as demandas da população de travestis e trans para serem tratadas, rede esta que estaria sempre em funcionamento, e não apenas Encontros uma vez por ano. Houve então vários debates e discussões a respeito dessa necessidade, além da demanda por atender essa população, como também o desejo de agir politicamente cobrindo o maior número possível do território brasileiro. Portanto, surgiu RENATA, Rede Nacional de Travestis, com o intuito de estabelecer maior interação das travestis brasileiras a respeito de seus assuntos, interesses e necessidades.

A RENATA atuou até o ano 2000 com essa sigla e nomenclatura, quando em Porto Alegre, no mês de dezembro, faz-se a mudança para ANTRA, sigla que carregava a nomenclatura de Articulação Nacional de Transgêneros. No entanto, a partir daí iniciou-se um debate para tirar o estigma em cima do termo “travesti”, já que anos antes da nomenclatura e sigla mudarem, concluíram que esse era um termo pejorativo. Contudo, em 2002, a ANTRA realizou a mudança e a oficialização da sua nomenclatura em cartório, passando a ser Associação Nacional de Travestis e Transsexuais.

Após 2004 o projeto TULIPA foi iniciado, projeto esse que foi idealizado em 2002. Sendo assim, começou-se uma ampla ação que se desenvolveu por cinco regiões brasileiras.

“Na região norte o projeto foi desenvolvido pela ATRAAM – Associação de Travestis de Manaus/AM., com a assistência da Associação Roraimense pela Diversidade Sexual – Diversidade de Boa Vista/RR; na região centro oeste, a responsabilidade coube a Associação de Travestis e Mato Grosso do Sul – ATMS, de Campo Grande/MS e a assistência realizada pela

Associação de Gays, Lésbicas e Travestis – ACOGLET de Corumbá/MS.; na região nordeste a Associação de Travestis – ASTRA de Aracajú/SE., fico u com a coordenação e com a assistência a Associação de Travestis de Salvador – ATRAS/BA; enquanto que na região sudeste a Associação de Travestis do Espírito Santo, e como assistente o Grupo Identidade de Campinas/SP.; na região sul a coordenação coube ao Grupo Esperança, de Curitiba/PR e a assistência foi da Associação em Defesa dos Direitos Humanos de Homossexuais – Adeh Nostro Mundo de Florianópolis/SC.”

Cada um desses polos ficou responsável de divulgar e ensinar questões como liderança, saúde, educação direitos humanos e estimulando a troca de informações. E assim, o projeto TULIPA se encerra em 2008 com uma interiorização do movimento e incentivando a liderança da população Travesti e Transsexual.

Tratando de uma rede nacional como a ANTRA, ela possui diversas áreas de atuação, mas dentre todas algumas se destacam, o que não minimiza a sua atuação em tantas outras, diariamente e em constante atualização. As principais linhas de atuação são:

Mapear, produzir estudos e denunciar nas instancias cabíveis os assassinatos de pessoas Trans no Brasil, bem como cobrar soluções desses crimes;

Promover campanhas informativas e apresentar propostas a fim de garantir o direito das Travestis e Transexuais;

Colaborar em todos os níveis com outras redes, que trabalham com Direitos Humanos, a fim de desenvolverem trabalhos conjuntos, intercambiando experiências nas áreas de atuação de cada uma;

Denunciar e promover a divulgação, em todos os meios de comunicação possíveis, de todo e qualquer caso em que for detectado preconceito e ou discriminação por identidade de gênero;

Ter por princípio apoiar toda e qualquer ação de prevenção do HIV/Aids Hepatites Virais e outras DST em todos os seus aspectos e âmbitos;

Apoiar as ações que visem a melhora da qualidade de vida das pessoas vivendo e convivendo com HIV/Aids;

Atuar diretamente na incidência política e na criação de climas e ambientes favoráveis para Travestis e transexuais;

Incentivar e apoiar a realização de Encontros Nacionais de Travestis e Transexuais para potencializar as bandeiras de lutas e encaminhar as demandas de suas afiliadas;

Com intuito de esclarecimento da represália que a comunidade trans e travesti sofrem no Brasil, trago o caso da Dandara. Essa é uma fatalidade que encontrei durante a minha pesquisa, um caso que mexeu muito comigo, pois, além da brutalidade do acontecimento, isso me feriu de forma pessoal, eu faço parte dessa comunidade, e quando um de nós sofre um atentado desse é como se todos nós sentimos a mesma dor. Devido a isso percebi o quão importante é para a academia produzir estudos científicos sobre esse tema, para que assim haja uma valorização ontológica das travestis e das pessoas transexuais.

“Após agressões com chutes e golpes de pau, a travesti Dandara dos Santos foi assassinada a tiros, segundo o secretário da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará, delegado André Costa. Os dois suspeitos de atirar em Dandara foram presos, conforme o secretário. Também foram apreendidos três adolescentes que aparecem no vídeo agredindo a vítima, e um sexto suspeito está foragido.”

“Depois das agressões, levaram [Dandara] até outro local, próximo de onde foram feitas aquelas imagens. Como é visto nas imagens, ela foi

brutalmente, covardemente, assassinada através de um disparo de arma de fogo", detalhou o delegado em entrevista nesta terça-feira (7)."

Esse foi um caso ocorrido em Fortaleza-CE no ano de 2016. Dandara era uma pessoa pertencente a essa comunidade tão marginalizada e excluída da sociedade, forçada a viver uma vida que não lhe era digna, vigiada por olhares de desprezo pela vida que era obrigada a viver por falta de oportunidades. Em mais um dia comum em sua vida, Dandara estava caminhando pela rua até que, um grupo de homens, incluindo alguns rapazes menores de idade, os mesmos que decidiram por puro preconceito, espancar ela. Foram muitos os meios utilizados para ofender e atacar a Dandara, foram chutes, socos, tapas, pauladas, pedradas e cuspidas, e por incrível que pareça, tudo foi feito no meio da rua e gravado, e ela não recebeu nenhuma ajuda, ninguém ligou para polícia, as pessoas ali apenas assistiram e gravaram. Após uma, que parecia interminável, sessão de tortura, os rapazes a colocaram em um carrinho de mão como um animal desacordado, levaram-na para um beco, e de forma covarde atiraram nela.

"Uma testemunha que presenciou as agressões e que prefere não se identificar afirmou que foi um grave crime de linchamento. Ele relatou que Dandara foi agredida com murros, pedradas e pauladas. "Eram vários rapazes. Um dava um chute e outro uma pedrada. Outro dava murros e outro bateu com um pau na cabeça dela"."

Dandara achou que aquele seria só mais um dia normal em sua vida, uma curta e dura jornada que todo o histórico de violência por ela vivida estavam registradas em seu rosto e corpo em forma de cicatriz. Ela só queria viver sua vida em paz e ser feliz, mas isso nunca foi possível pelo simples fato de ser quem ela era, e assim seu direito de viver lhe foi ceifado. E, como forma de repudia, gostaria de deixar registrado que no primeiro relatório policial foi dito que Dandara morreu por sua própria culpa, pois ela não se encaixava no padrão, mas eu faço uma pergunta, qual "padrão" seria esse, e por quê? E jamais

podemos esquecer que por trás de cada vida ceifada existe uma família, pessoas que sofrem, pessoas essas que muitas vezes são esquecidas.

“A mãe de Dandara, Francisca Ferreira, diz que o momento é de desespero e choro. “Fiquei muito desesperada. Chorando e perguntado para Deus o que tinha acontecido. O que foi que esse menino fez meu Deus? Fiquei assim feito uma maluca sem saber acreditar. Se houve briga ou não”, disse emocionada.”

Acredito que grande parte desse preconceito acontece devido um determinado indivíduo viver fechado dentro de sua própria bolha, trancafiado em seu mundinho perfeito onde não existem problemas para além daqueles seus próprios. Muito disso é dito em “O perigo de uma história única”, de uma perspectiva diferente da tratada aqui, mas que tem como pensarmos nesse “perigo” quando falamos sobre algo que, por muito é considerado como novo, o conceito de “gênero”. O perigo de uma única história está, a meu ver, interligada com o viver dentro de uma bolha, pois em ambos os casos você não consegue ter um panorama geral do mundo, fazendo assim, com que a pessoa crie estereótipos e estigmas sobre o outro que muitas vezes não são verdades, como por exemplo, achar que toda travesti é prostituta, pensamento que acaba forçando essas pessoas a reforçarem esse estereótipo, e o ser se torna aquilo que dizem que ele é.

Para entendermos melhor e ter uma boa base filosófica para tratar a respeito deste assunto, agora falemos sobre Judith Butler, filósofa nascida em 24 de fevereiro de 1956, grande referência ao feminismo e a teoria queer. Tendo feitos diversos estudos importantes, Butler causou grande alvoroço ao levantar questionamentos sobre sexualidade e gênero, e a distinção entre esses dois conceitos.

Butler afirmava que o sexo e o gênero são construções sociais, e deste modo, nenhum dos dois devem ser tomados como naturais. Se temos como contestar o caráter imutável do sexo, talvez o chamado natural de “sexo” seja uma construção tão social quanto o gênero.

Podemos tomar como “novo” o conceito de gênero, tendo Vladimir Safatle lembrado que a primeira vez que esse conceito apareceu foi em um livro de Robert Stoller. “Tratava-se de insistir em um regime próprio de formação das identidades sexuais, para além do seu vínculo estrito à diferença anatômica de sexo” (SAFATLE, 2010, p.25). Essa foi uma teoria muito utilizada no movimento feminista para justificar o caráter construído da identidade das mulheres, no entanto, a ideia da Butler é que, diferente do que a filosofia ocidental faz, não tem como separar corpo e mente. Segundo a filósofa, o corpo é construído de acordo com o meio social em que a criança está incluída e em como os seus pais lhe educam.

Seguindo adiante com o conceito de gênero, a filósofa afirma em seu livro “Atos Performativos e Constituição de Gênero: Um Ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista”, que “a identidade de gênero é uma realização performativa compelida pela sanção social e tabu”. Isto é, o que entendemos como gênero, nada mais é do que a uma repetição de atos, gestos e falas que a sociedade determinou ser pertencente a um ou outro gênero.

Butler também relembra os escritos de Simone de Beauvoir, onde ela afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, citação encontrada no livro “O segundo Sexo” de 1949. Ou seja, tendo como base esse pensamento de Beauvoir, Butler conclui que “o gênero não é de modo algum uma identidade estável ou um local de ação, do qual provêm vários atos; é antes uma identidade tenuemente constituída no tempo”. Ou seja, com essa fala, a autora reafirma a construção social do gênero, pois aos seus olhos, não se “é” homem ou mulher, e sim que o sujeito está sendo homem ou mulher em determinado momento, e esse “estar sendo homem ou mulher” é um verbo, uma ação que está sendo executada e não um substantivo, e em ambos os casos, isso é definido por meio de ações que um sujeito está tendo. E está é uma repetição que Butler descreve como “Essa repetição é a um só tempo reencarnação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 1990, p.200).

Para conseguir chegar em seu objetivo, Butler começa seu embasamento com Hegel, onde se observa que para ele o sujeito está em constante processo dialético. Está é uma síntese que pode ser o ponto de partida para os interesses

da filósofa. E a partir dessa percepção, pode se afirmar que, essa instabilidade do sujeito lhe nega um lugar fixo e final no mundo, ou seja, o início de uma fornada teatral.

Com isso, Butler começa a discorrer sobre a sua teoria de genealogia de gênero, momento este em que ela se baseia no conceito do “discurso”, de Foucault. A teoria do discurso diz respeito ao poder, pois o mesmo determina o que é certo ou errado, e cria-se uma matriz heterossexual, uma lei que vigia a sexualidade dos indivíduos, e abomina tudo aquilo que foge da “normalidade”. No entanto, Butler pega essa teoria, e traz para o debate de gênero, onde há uma determinação de gênero pelo sexo biológico, isso ocorre, pois, se há um discurso de poder acerca dessa lei de normalidade binária criada pela sociedade.

Entretanto, Butler e Foucault se divergem em um ponto, onde a filósofa diz que sexo e gênero são “fantasmáticas” que definem um corpo, Foucault acredita que corpo e sexo são coisas naturais e auto-evidentes. E por “fantasmáticas”, entende-se que Butler toma sexo e gênero como algo que não é material, não-palpável. Isto é, corpo e gênero são ideias, e para que possam existir precisam ser inscritos sobre o corpo.

Sendo assim, o sexo e gênero é uma ideia, o masculino e feminino é imposto a um sujeito, tal forma que ocorre por meio de uma leitura do seu corpo que é determinada por uma matriz já existente e definida pela sociedade. E assim, o indivíduo deve agir conforme os “protocolos” e inscrições do gênero que lhe foi atribuído, isto é, repetir ações que são classificadas como “coisa de homem” e “coisa de mulher”.

Conforme tudo o que foi dito, entende-se que para se adequar a norma social uma pessoa precisa viver de acordo com o que lhe foi dito ao nascer, e tudo o que fugir disso é reprimido, punido ou banalizado. Com isso, conseguimos perceber de onde vem a marginalização de pessoas transexuais e das travestis, pois as pessoas dessa comunidade fugiram daquilo imposto por uma matriz antiquada e retrógrada.

Contudo, entende-se que, apesar de haver um nítido preconceito, o estado, a lei, deve proteção a qualquer pessoa, e não podemos deixar que questões individuais como a orientação ou gênero, determine como e se terá leis

de proteção. A respeito da segurança da comunidade LGBT, e neste caso das pessoas transsexuais e das travestis, entra-se em um assunto, um questionamento, até onde a vida dessas e desses indivíduos(as) desrespeito ao estado, ao governa e a segurança que todos deveriam ter, e o que é pertencente a cada um, algo que não deve ser levando em consideração no momento da aplicação dos direitos e deveres.

Como base para essa discussão irei utilizar o texto da Aline Maria Matos Rocha “PÚBLICO E PRIVADO: NOTAS CONCEITUAIS SOBRE A TRSNFORMAÇÃO DA INTIMIDADE NA INTERNET”. Tendo esse conceito “internet”, nota-se que vai tratar desses termos por um ponto de vista mais atual, fato este que não altera a relevância para o que pretendo explicar aqui. Pois, a autora Aline Rocha trouxe com maestria várias fontes e recursos que me permitirá trazer para o meu estudo elementos e extrema importância.

Os termos públicos e privados, na língua portuguesa, há diversos significados que se diferem de acordo com o contexto usado. No entanto, o importante aqui são as noções destes termos no ponto de vista político, sendo atribuído ao termo público tudo aquilo que é de interesse do estado, pertencente ao governo, isto é, alguma coisa que se liga a uma coletividade e interesses em comuns. Enquanto o privado, outrora, remete a algo de sentido restrito, confidencial, pertencente a uma única pessoa, e a ela somente é relevante, o oposto do domínio governamental.

Definitivamente, nem sempre esse foi o significado desses termos, por exemplo, na Grécia antiga, Arendt (2005) relaciona o público e o privado como algo necessário para que um cidadão da época exercesse, de forma plena, seu papel como cidadão na *Polis*. De acordo com Arendt, esse pensamento ocorria devido a definição do homem como sendo, por natureza, um animal político, no entanto, a mesma interpreta a expressão *zoon politikon* como o homem sendo um animal social.

Com o passar do tempo as concepções de público e privado sofreu alterações, como aqui já mencionado, na Grécia antiga tínhamos um conceito diferente dos dias de hoje. E parte disso ocorre conforme o indivíduo vai mudando a sua noção de privacidade, e até onde vai, ou necessário ir,

compartilhar sua vida íntima. E nos tempos de hoje, é importante analisa e revisar essas concepções, pois de acordo com Thompson (2005, p. 72) afirma que “o desenvolvimento dos meios de comunicação criou novas formas de interação, novos tipos de visibilidade e novas redes de difusão de informação no mundo moderno [...] que alteraram o caráter simbólico da vida social [...]” – (ALINE, 2012, p.105)

Precisamos repensar o significado do ‘caráter público’ hoje, num mundo permeado por novas formas de comunicação e de difusão de informações, onde os indivíduos são capazes de interagir com outros e observar pessoas e eventos sem sequer os encontrar no mesmo ambiente espaço-temporal. (THOMPSON, 2005, p. 72).

De acordo com o pensamento da autora, Arendt conclui que algumas coisas que antes faziam parte da esfera social passam a ser um assunto privado, e na atual esfera pública da modernidade passa a tratar de assuntos que antigamente não lhe era competente, principalmente assuntos políticos. E com isso criou-se um grande debate sobre até onde a esfera privada chega ao ponto de muitos assuntos que antes eram públicos passam a serem privados, e algumas concepções alteram.

A passagem da sociedade [...] do sombrio interior do lar para a luz da esfera pública não apenas diluiu a antiga divisão entre o privado e o político, mas também alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão, ao ponto de torná-los quase irreconhecíveis. (ARENDR, 2005, p. 47).

A autora continua a defender o ponto que a esfera do social passou a englobar questões que são consideradas como sendo privadas, questões essas que dificultou ainda mais identificar a linha que dividi esses dois polos do público e privado.

[...] literalmente um estado no qual o indivíduo se privava de alguma coisa, até mesmo das mais altas e mais humanas capacidades do homem. [...] Hoje não nos ocorre, de pronto, esse aspecto de privação quando empregamos a palavra “privatividade”; e isto, em parte, se deve ao enorme enriquecimento da esfera privada através do moderno individualismo. (ARENDR, 2005, p. 48).

Tendo ocorrido essa mudança de sentido nos termos de público e privado ao longo do tempo, tem-se uma nova concepção de privado com a esfera social.

“A privacidade moderna tem como função proteger aquilo que é íntimo. Ou seja, como o público fora esvaziado de seu sentido original, e a denominada esfera social passou a assumir o que antes era considerado como assunto privado, a esfera privada passa a se caracterizar, essencialmente, por conteúdos da subjetividade humana, os quais encontraram expressão significativa na arte, na poesia e na música modernas.” (ALINE, 2012, p. 107)

3 Considerações finais

Tendo apresentado diversos fatos e ideias, venho agora concluir e amarrar o que aqui já foi dito. Vivemos em um país que foi colonizado, os povos que aqui viviam sofreram uma invasão, foram escravizados, e tiveram sua fé e crenças deturpadas e suas vidas violentadas por pessoas que faziam tudo isso em nome de Deus. Os povos que aqui chegaram tinham conceitos e princípios diferentes do nosso povo originário, e por meio da força as crenças dos colonizadores foram impostas e empurradas goela a baixo a pessoas que viviam bem e feliz.

As crenças deles pregados era de um Deus violento e que punia aqueles que desobedeciam a seus mandamentos, tais mandamentos que eram tragos escritos em um livro, a bíblia, livro este que foi escrito a milhares de anos atrás. A bíblia, para os cristões, é como se fosse um manual de vida para ter uma vida de acordo com Deus, e para eles, o único modo certo. Sendo assim, os mais extremos fazem disso uma verdade tão grande que tentam impor isso a todo mundo.

Crer em algo, em um Deus não é problema, o ponto em questão é querer impor isso a quem não acredita nem quer acreditar. E outro ponto importante é o que está escrito na bíblia, passagens que condenam práticas, modo de viver e agir, muitos deles se pautando na “condenação de Deus a isso ou aquilo”. Dentre as passagens da bíblia que mais são relevantes para esta pesquisa foram o da criação do homem e da mulher, e diversos que dizem que Deus abomina qualquer tipo de ato homossexual, entre homens e entre mulheres, escritos e princípios que sempre foram usados para exterminar todos que fugissem a norma heterossexual.

Entretanto, é mais que viável ressaltar outras passagens da bíblia que fazem condenações a outros atos, muitos que hoje são banalizados até mesmo pela igreja. Tendo oferecido vários exemplos de versículos da bíblia que condenam as pessoas a fazerem marcas em seus corpos, o consumo exacerbado de álcool, ou qualquer outro vício, adultério, sexo fora do casamento, sexo que não seja para reprodução também.



Então, o que torna as pessoas da comunidade LGBT tão mais pecadoras, erradas e indignas de qualquer tipo de respeito do que qualquer outra pessoa que já perdeu a linha com a bebida, que já xingou, que tem a orelha furada, uma tatuagem, ou até mesmo que usa algum tipo de método contraceptivo para que não engravide mesmo após o casamento? Essa é uma pergunta que eu arrisco dizer que, até os mais fervorosos, não conseguiriam responder, pois o pecado é seletivo, quem comete um pecado é ou não condenado de acordo com uma seletividade que segue um padrão, um padrão quase inalcançável de santidade, que até de acordo com a igreja, apenas Jesus conseguiu ser perfeito, o padrão hetero cis normativo, de preferência branco.

Tendo em vista, ao menos quando se trata do Brasil, temos como início do preconceito esse momento de colonização, mas abrangendo mais a pesquisa vemos o que outras filosofas fala, como por exemplo, Judith Butler. Para essa importante e incrível, pensadora o gênero é algo que é construído socialmente, onde você nasce e aprende e seguir determinados atos e ações que se repetem e perpetuam por diversas gerações ao longo do tempo.

Tomamos como verdade que o gênero é definido de acordo com a genitália que nascemos, e partir desse momento nos é ensinado o modo de viver, o que escolher, como agir, como se comportar e com quem ficar. E isso ocorre por meio de conceitos que são estabelecidos na época em que você nasceu, pois o modo que um homem deve se comportar hoje é diferente de como deveria se comportar na era vitoriana, assim como para as mulheres. No entanto, tudo

isso, nada mais é do que uma repetição de gestos que são passados socialmente um para o outro.

Portanto, é perceptível que essa construção de gênero é algo implícito a sociedade, ao mesmo tempo que quando alguém foge desta norma sofre retaliações e se torna alvo de preconceito. E a minha pergunta, até onde vai esse preconceito? Até a morte.

O caso da Dandara foi suficientemente apresentado aqui nesta pesquisa, e o mais triste é saber que ela foi apenas mais uma no país, apenas um número para estatísticas que crescem todos os dias no país que mais mata pessoas da comunidade LGBT no mundo.



Dandara recebeu uma homenagem em NY, sua amiga lutou para publicar um livro sobre sua vida e infância, mesmo após sua morte a travesti Dandara conseguiu fazer história quando os criminosos que a espancaram e mataram foram condenados por motivo torpe, sendo o primeiro caso em que os criminosos receberam motivo torpe ao cometer homicídio contra uma travesti no Brasil. Mesmo a maior pena tenha sido do seu executor final, o que puxou o

gatilho, de apenas 21 anos em regime fechado, e outras penas, a dos agressores, variaram entre 18 e 16 anos, por tê-la espancada com chutes, pedaços de paus, pedras e palavras ofensivas.

Dandara teve o seu direito de viver e ser quem era de verdade arando de si a força, um direito que deveria ser protegido pelas autoridades. Tendo isso em vista eu busquei fontes para argumentar o meu ponto de até onde vai o direito público e privado de cada indivíduo, e como isso ocorre. Sendo assim, me embasei nos escritos da Aline Rocha “Público e privado: notas conceituais sobre a transformação da intimidade da internet”, pois, além de tratar da questão do direito público e privado, aborda a questão das mudanças ao decorrer do tempo e como a mudança ocorreu.

É perceptível que ao longo da história os conceitos de público e privado, sempre esteve em mudança, muito do que se entendia que era pertencente a uma esfera, foi passando para outra. Tenho certeza de que isso se dá devido ao fato do conceito de direito público e privado está diretamente ligado ao ser, e o ser nada mais é que um sujeito que está em constante mudança. Isto é, os direitos públicos e privados desrespeito à como a comunidade e o estado vai agir para proteger, defender ou ignorar a vida de alguém, e isso se trata da vida externa e interna de cada um. Sendo assim, sabendo que o sujeito é inconstante, conclui-se que essa alteração do ser e a época em que ele vive define o que é um direito público e privado.

Ao decorrer de todo o processo aqui feito, vimos que essa mudança é nítida, no entanto, o que difere os dois conceitos, como antes e ainda mais hoje, é uma linha tênue e de difícil percepção. Entretanto, em muitos casos que vemos hoje em dia não seria difícil identificar até onde vai a vida privada de alguém e onde começa a pública.

Este é um trabalho que em seu desenvolvimento surgiu mais perguntas do que respostas, perguntas de respostas difíceis, que seria necessário grandes reflexões e um aprofundamento aqui eu não tenho tempo para tal feito, mas creio que consegui explicar de forma clara que o preconceito é real, o “respeito” é mascarado por uma baixa tolerância, e o Brasil é um país violento e que mata, todo os dias, pessoas, seres humanos, gente que apenas

queria viver sua vida, trabalhar, estudar, conhecer outras pessoas e lugares novos. Dandara não é a única, não foi a primeira, e infelizmente não será a última de nós a morrer, nós, da comunidade LGBT. E é este o plano de extermínio a pessoas que fogem o padrão heterossexual cis normativo, que vem sendo imposto e disseminado, não só pela igreja e pela fé cristã, mas também pela sociedade.

4 Bibliografia

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero Feminismo e subversão de identidade. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, 2013.

SALIH, Sara. Judith Butler e a teoria Queer; tradução e notas Guacira Lopes Louro. Autêntica Editora, Belho Horizonte, 2012.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição dogênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Chão da Feira, Caderno n. 78, 2018

CAVICHIOLO, Anderson. Uma história de extermínio transfóbico no Brasil: A disputa de nomeação do assassinato da travesti Dandara Katheryn. Brasília, 2019

ROCHA, Aline M. Matos. PÚBLICO E PRIVADO: NOTAS CONCEITUAIS SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE NA INTERNET. INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, 2012.

Site da ANTRA <https://antrabrasil.org>

Site G1, acesso em 29/11/2022 <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>